

## OS DISCURSOS DO GAUCHISMO E A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE GAÚCHA

Letícia Fonseca Richthofen de FREITAS\*

*ABSTRACT: The central role played by language, in which it is shaping all aspects of the social life, is considered more and more in the social sciences. In line with this perspective, this work is based on a socio-constructionist view of discourse starting from the assumption that meaning is constructed in interaction, taking into account the historic and cultural contingencies. Accordingly, this study has analysed the construction of particular identity traces shaping (fe)male gauchos, out of interview passages with Gauchos living in Mato Grosso, thus constituting the so-called 'gauchosity'. The research has shown a prevalence of discourses constructing a Gaucho positive image, also helping in the sense of discussing the significance of narrative study, exactly because it is a way to characterise the human experience phenomena, organising the discourse in the social world.*

*KEYWORDS: Discourse; Narratives; Identity; Gauchism.*

### 1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar de que maneira os discursos e as narrativas do gauchismo atuam no sentido de produzir identidades e subjetividades. Sua questão central focaliza o papel dos discursos do gauchismo como substrato para a construção de uma identidade gaúcha. O estudo foi desenvolvido a partir de entrevistas realizadas com onze pessoas que moram nas cidades de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis, no Estado de Mato Grosso.

Para empreender tal análise, considera-se central as narrativas produzidas pelos entrevistados, a partir do entendimento de que as histórias contadas têm um papel crucial na construção de quem somos e de quem são os outros, na construção, portanto, das nossas identidades tanto individuais quanto sociais.

Segundo Arfuch (2002a), a questão da identidade, ou melhor, das identidades, no plural, tem ocupado, na última década, um lugar central nos mais diversos domínios acadêmicos. Moreira (2005, p 126) ressalta a crescente complexidade das diversas esferas da vida social – nacional, religiosa, étnica, lingüística, regional, local, de gênero – nas quais as identidades são produzidas, confirmadas e/ou contestadas. Dessa forma, “não causa espanto que a identidade se tenha imposto como categoria de particular relevância para a compreensão dos fatos sociais contemporâneos”.

Esse interesse por se estudar as identidades se dá pelos mais variados motivos, como, por exemplo, pelas mudanças ocorridas no âmbito mundial – a intensificação dos fluxos migratórios, a dissolução dos grandes blocos que formavam o leste e o oeste, a globalização e a conseqüente fragmentação cultural e identitária – bem como a crise de certas concepções universalistas tão caras à Modernidade. Ainda de acordo com Arfuch, o debate iniciado nos anos 80 do século passado sobre a crise e o fracasso do Iluminismo, proporcionou, no campo teórico das Ciências Humanas, uma reavaliação desses fundamentos do universalismo – o sujeito, a verdade, os grandes relatos.

---

\* Pós-Doutorado em Educação; Universidade Federal de Pelotas

Em contrapartida houve todo um movimento, a partir dessa “virada epistemológica”, que tende a valorizar os pequenos relatos, a considerar a pluralidade de vozes e as “pequenas” verdades. Nesse contexto emerge então um “renovado espaço significativo”, o das narrativas, no qual se desenvolvem estudos que privilegiam os relatos de vida e os testemunhos, a micro-história, os estudos migratórios, a história oral, dentre outros. Com base em Arfuch (2002a, p. 23), argumenta-se que as narrativas se constituem um material de extrema relevância para as Ciências Humanas, já que, segundo a referida autora, elas podem dar conta “dos processos de autocriação, das tramas de sociabilidade, da experiência histórica situada dos sujeitos, definitivamente, da constituição de identidades individuais e coletivas”.

Connely e Clandinin (1995) também destacam a importância do estudo da narrativa justamente pelo fato de ela ser uma forma de caracterizar os fenômenos da experiência humana; ela interessa, por isso, de acordo com a afirmação dos autores e com o argumento de Arfuch, aos mais diversos campos das Ciências Humanas e Sociais. Em seu artigo Connely e Clandinin afirmam que nós, seres humanos, somos “organismos contadores de histórias”, somos seres que, tanto individual como socialmente, vivemos vidas relatadas. Moita Lopes (2001) corrobora essa idéia, ao enfatizar o papel que as narrativas desempenham no processo de construção das identidades, organizando o discurso no mundo social.

Esse papel organizador do discurso, desempenhado pelas narrativas, a partir das histórias que contamos sobre nós e sobre os outros a fim de se fazer “um sentido da vida”, possibilita a construção de um conhecimento sobre quem somos e quem são os outros, constituindo identidades individuais e sociais. Arfuch (2002b), em seu estudo intitulado “El espacio biográfico”, o qual trata das várias maneiras de se narrar uma vida, aponta para a dimensão da narrativa enquanto configurativa da experiência humana. A autora argumenta, a partir dessa perspectiva, que o relato não se resume somente a uma seqüência temporal, com sua lógica, personagens, tensões, mas a narrativa corresponderia “à forma por excelência de estruturação da vida, e, por fim, da identidade” (p. 88). Culler (1999) confirma tal argumento afirmando que as histórias são a melhor maneira através da qual compreendemos as coisas da nossa existência, seja pensando em nossa vida como sendo uma progressão que nos conduz a algum lugar, seja ao dizermos a nós mesmos o que ocorre no mundo.

Ainda no que diz respeito à questão das narrativas, Larrosa (1994, p. 70), ao tratar da assim chamada “experiência de si”, sublinha a importância das histórias para a constituição dos sujeitos. Segundo o autor, a construção e a transformação da consciência de si dependem “desse processo interminável de ouvir e ler histórias, de contar histórias, de mesclar histórias, de contrapor algumas histórias a outras, de participar, em suma, desse gigantesco e agitado conjunto de histórias que é a cultura”.

Dessa forma, nas entrevistas realizadas em Mato Grosso, a vida dos entrevistados foi o mote principal para que viessem à tona os temas ligados ao Rio Grande do Sul e ao gauchismo. Em maior ou menor grau, a mudança de cidade e de Estado significou uma mudança de vida, e só a partir de então, de tal acontecimento, no mais das vezes, os entrevistados passaram a se dar conta da sua estreita relação com o Rio Grande do Sul. Ao contarem suas histórias de vida, a cultura gaúcha foi sendo, conforme tão bem observou Silveira (2005, p. 199), “alimentada, criada, reproduzida, reforçada e, por vezes, subvertida, largamente, pelas narrativas com protagonistas pontuais, em circunstâncias e lugares datados”.

Com base no que foi dito até o presente momento, é necessário ressaltar ainda que esta pesquisa busca justamente mapear o papel que as narrativas desempenham na construção da identidade do gaúcho a partir das práticas narrativas nas quais as pessoas entrevistadas constroem a si, como gaúchas, e constroem os outros, entendendo e analisando o papel pedagógico desempenhado por tais práticas.

Serão feitas, a seguir, algumas considerações referentes aos estudos da narrativa, uma vez que seus elementos básicos estão presentes nas narrativas das pessoas entrevistadas.

## 2. Estudos sobre narrativa

É consenso entre os estudiosos da narratologia que a *Poética*, de Aristóteles, através da análise da tragédia e da epopéia, constitui a primeira teorização da narrativa. Quintiliano, no século I, no livro IV de sua obra intitulada *Instituição Oratória*, analisa a *narratio*. Uma das primeiras obras dedicadas à narrativa foi publicada em 1776, por Bérardier de Bataut. Segundo Adam e Revaz (1997), de acordo com os princípios da época, a narrativa foi definida por Bataut levando-se em consideração o seu conteúdo – exposição de um fato verdadeiro ou inventado – e a sua finalidade – instruir os leitores.

Já no século XX um marco no desenvolvimento da teorização sobre a narrativa é a publicação da obra *A morfologia do conto*, em 1928, pelo formalista russo Vladimir Propp. A partir daí instaura-se um período voltado à análise estrutural das narrativas, como destaque para autores como Greimas e Todorov, esse último tendo publicado, inclusive, o livro *As estruturas narrativas*. No final dos anos de 1970 há uma mudança de perspectiva, e a narratologia passa a valorizar a comunicação, ao invés de se preocupar com a simples descrição dos fatos estruturais. De acordo com as observações de Adam e Revaz (1997, p.13)

a narratologia contemporânea volta a considerar o discurso narrativo numa perspectiva de estratégia de comunicação. O produtor, na narrativa, estrutura o seu texto em função do efeito que ele procura produzir na pessoa que o interpreta. A interpretação pelo leitor ou ouvinte assenta, não apenas na importância literal do texto, mas igualmente no postulado de uma intenção comunicativa do produtor-enunciador.

Por ser a maneira mais usual de comunicação, Culler (1999) sustenta a idéia de que há um impulso básico no ser humano de ouvir e de narrar histórias, não sendo, por isso, a narrativa, apenas matéria acadêmica. Conforme argumenta o referido autor, já as crianças, desde cedo, desenvolvem uma “competência narrativa básica”, sabendo quando os adultos não correspondem àquilo que é esperado em relação às histórias a elas contadas – como, por exemplo, quando há a interrupção da narrativa antes do final da história. Culler (1999, p. 85) afirma que “a teoria da narrativa poderia, então, ser concebida como uma tentativa de explicar detalhadamente, tornar explícita, essa competência narrativa”, sendo concebida, a teoria, a partir da compreensão ou do conhecimento cultural intuitivo dos seres humanos.

A partir dessas considerações, Culler levanta os requisitos básicos de uma história. O primeiro deles é o enredo; esse enredo exige, porém, uma transformação. A narração deve ter, pois, uma situação inicial, uma mudança nessa situação inicial envolvendo uma transformação e uma resolução que marque uma mudança significativa. Esses elementos básicos levam ao que os teóricos denominam “o esquema canônico da narrativa”: a transformação de um estado (inicial) para um outro estado (final) é o que define de maneira fundamental a narrativa. De acordo com Reuter (2002, p. 36), essa transformação é constituída de: “um elemento (*complicação*) que permite movimentar a história e fazê-la sair de um estado que poderia durar; encadeamento das ações (*dinâmica*); outro elemento (*resolução*), que conclui o processo das ações, instaurando um novo estado, que vai perdurar até a ocorrência de uma nova complicação”.

Além disso, autores como Adam e Revaz e Reuter são unânimes em afirmar que as narrativas devem ter uma unidade e que “para constituir uma unidade, as ações devem apresentar não apenas um encadeamento cronológico (virem umas após as outras), mas também um encadeamento causal (resultarem umas das outras)” (ADAM e REVAZ, 1997, p.

30). Unidade de tempo e de ação são, portanto, também elementos indispensáveis na lógica das narrativas.

Partindo-se dessa estrutura básica, outros elementos são necessários para que uma narrativa seja construída. Por convenção, toda narrativa possui um narrador, o qual pode estar posicionado dentro da história, fazendo parte dela ou fora. No primeiro caso diz-se que a narrativa é em primeira pessoa; no segundo, em terceira pessoa. Além do narrador, toda narrativa possui também um narratário, ou seja, a pessoa a quem se destina a narração.

Cabe ressaltar aqui também a importância das personagens na construção narrativa, uma vez que eles têm um papel primordial na organização do enredo. Reuter (2002, p. 41) afirma que as personagens “permitem as ações, assumem-nas, vivem-nas, ligam-nas entre si e lhes dão sentido. De certa forma, *toda história é história de personagens*”. Também é necessário, conforme escrevem Adam e Revaz (1997), “construir um mundo”, ou seja, situar os fatos e as personagens em um espaço e atribuir-lhes características.

Tais elementos aparecem, em maior ou menor grau, nas narrativas analisadas a seguir.

### 3. Narrativas e identidades: construindo uma identidade gaúcha

Esta seção vai se deter na análise de trechos de entrevistas realizadas nas cidades já mencionadas anteriormente, no sentido de destacar alguns traços identitários que constituem a assim chamada gauchidade. Ressalta-se que, em nenhum momento, pretende-se afirmar que todos os gaúchos e gaúchas se constituem dessa maneira; tal estudo coloca em evidência alguns discursos sobre a identidade gaúcha que foram recorrentes nas entrevistas.

Com base nas ressalvas feitas no parágrafo anterior, e a partir das considerações iniciais, que relacionam a questão identitária com as questões da narrativa e do discurso, tem-se como foco especificamente o caso das identidades nacionais e regionais – caso dos gaúchos -, ressaltando-se o fato de que certos traços e características atribuídas a determinados grupos advêm da negação de traços e de características de um “outro”, ou seja, eu sou aquilo que o outro não é. A fim de corroborar tal afirmação, toma-se o estudo de Barker e Galasinski (2001, p. 132) sobre o “ser polonês” em uma pequena cidade do sudoeste da Polônia, quase na fronteira com a Ucrânia. De acordo com os autores, “se a polonesidade tiver certos traços, estes normalmente são descritos em termos do não ser ucraniano. A etnicidade sempre é construída através da diferença e da oposição, em vez de uma característica atemporal de determinado grupo”.

No que se refere aos gaúchos em Mato Grosso<sup>1</sup> - no caso dos entrevistados desse trabalho moradores das cidades de Tangará da Serra e Campo Novo do Parecis – algumas das características que diriam respeito às pessoas “do Sul”, como eles mesmos se denominam, são construídas, primeiramente, na relação com os mato-grossenses, e, em um segundo momento, na oposição com outras identidades regionais.

Abaixo são destacados excertos das entrevistas<sup>\*\*</sup>, os quais serão analisados logo a seguir:

Atria – Lá do Sul é tudo gaúcho, né? Veio muito gaúcho.

<sup>1</sup> Nas últimas décadas, sobretudo a partir das décadas de 60 e 70 do século passado, houve um movimento migratório significativo de gaúchos para os Estados de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia, Roraima, Amazonas, Bahia, Goiás e Distrito Federal em busca de terras e de oportunidades de trabalho.

<sup>\*\*</sup> Foram entrevistadas onze pessoas com idades entre os 15 e 50 anos. Os nomes são fictícios, para preservar a identidade dos entrevistados.

Capella – É veio muito sulista, assim, do Rio Grande, eu acho, do Paraná e Santa Catarina. Daí teve uma época em 93, a gente fez um trabalho na escola pra Feira de Ciências, 95, eu vim transferida pra cidade, dei aula no posto, vim transferida pra cidade, e daí a gente fez um levantamento populacional, porque a gente tinha a nítida impressão de que o Sul era tudo aqui. Sabe quem que era? O maior número era de nordestinos, trabalhador braçal. Em número, maior número era de nordestinos, mas não o que parecia. A surpresa da pesquisa foi o número de nordestinos!

Atria - Mas então era pra lavoura.

Capella – Pra lavoura, canavieira, de soja, o serviço menor era nordestino.

Atria – Mas a cultura deles não aparecia, a que aparecia era a gaúcha!

Capella – Exatamente. Eles eram, coitadinhos, pra lavoura canavieira, que é difícil, e pra serviços menores. Se existia, por exemplo, um trator com uma tecnologia mais avançada, era um funcionário do Sul. Agora, pra alimentar, por exemplo, catar raiz, tudo que era mais braçal, eram os nordestinos. Então você vê hoje, paulistas, mineiros, cariocas, assim, pouco.

Entrevistadora - A gente sabe que, como vocês mesmo disseram, que a maioria é paranaense, gaúcho, mas tem mineiro, tem nordestino. Vocês observam se nas outras descendências eles são assim também ou são mais descansados?

Polaris - São mais descansados. Porque no dia que eles dizem que não vão trabalhar, não vão trabalhar e não vêm.

Capella - O mineiro e o paulista têm bastante do sulista. O mineiro é muito trabalhador, é muito determinado.

Polaris - O mineiro é trabalhador.

Capella - O paulista também é determinado. Ele é determinado, ele trabalha.

Polaris - Ele tem compromisso, seja no emprego, seja... O paranaense, ele é mais descansado.

Capella - Eles dizem que eles já passaram dois estados e que já estão cansados.

Polaris - Ele é na realidade assim, por qualquer gripe ele fica em casa, qualquer dor ele fica em casa. Ao menos foi o que eu notei aqui dos paranaenses que trabalham aqui.

Capella - O sul-matogrossense, bem lá da divisa do Paraná, é quase semelhante ao nordestino. O sul-matogrossense até Dourados ali. Eles aqui, eles têm um comportamento assim, meio cuiabanos. Cuiabano sim, tem uma cultura totalmente às avessas da nossa.

Entrevistadora - Eu já ouvi falar.

Polaris - Só que tem uma coisa...

Capella - Nós somos tudo na correria sempre. Cuiabano começa a trabalhar depois das nove e meia e pára às quatro. E ele trabalha tranqüilamente naquele período e produz. Só que daí vai um gaúcho lá pra ser atendido às quatro e cinco, “querido, volta amanhã.” Então, o cuiabano vive mais a vida.

Polaris - O cuiabano... é que isso também não depende de raça, tem em todos. Mas têm uns cuiabanos muito bons de serviço. Eu conheci uma cuiabana em Tangará, aquela mulher, nossa! Como era trabalhadeira. Mas era muito tranqüila.

Capella - Eles não são como nós. Nós temos uma característica de stress, tudo pimentinha, tudo pavio curto. E eu noto isso bastante do sul. Explosivo!

Entrevistadora - Vocês não pensaram muito não pra vir pra cá?

Polaris - Não, o X fechou a sapataria, pegou o ônibus e veio embora. E eu fiquei fazendo os trinta dias, daí deixei a casa alugada, vendi o carro e vim o embora. De mala e cuia. Eu não conhecia nada aqui. O dia que eu cheguei, nunca vou me esquecer, três horas da tarde, eles tiveram que fazer almoço no restaurante pra mim. Tiveram que esquentar tudo, aqueitar, né? Porque nós chegamos tarde. A gurua pediu as contas na hora, uma das gurias.

Entrevistadora - Por que era fora de hora?

Polaris- Não, ela veio e pediu as contas. Não pelo fora de hora, porque ela olhou que eu seria a patroa. E a minha sogra tinha chegado um mês antes e estava cozinhando. Tinha a minha sogra e o meu sogro que ajudavam também vieram junto. E ela estava cozinhando, e quando ela chegou, ela olhou a cozinha e tinha umas mesas enormes de madeira maciça e ela lavou a cozinha inteira com soda. Lavou aquelas mesas, porque aquilo diz que era uma gordura, uma sujeira. E ela lavou a cozinha inteira com soda. A guria, quando ela olhou que eu sentei, eu estava arrumadinha, ajeitadinha. A gente vem do sul, a gente é mais arrumada. Aqui a gente não se preocupa tanto com isso. E ela me viu assim, sentada na mesa almoçando, ela entrou na cozinha: “seu X, eu vou embora”. E não veio trabalhar, não veio mais. Diz ela: “se eu agüentei aquela mulher até agora, lavando e limpando do jeito que fez, essa aí vai acabar de matar a gente”.

Capella - Isso é uma coisa que aqui quando você chega, com essa nossa forma de trabalho, pra ficar perto os caras não agüentam.

Capella - A mão-de-obra aqui também é muito assim, intensa mas com pouca qualidade pro acabamento. Pra polidez de trabalho aqui é deficiente em todas as áreas.

Polaris - Se tu visse o estado do salão... o pintor foi lá pintar com tudo... deixamos papelão pra botar pra não respingar, porque o piso lá é poroso. Onde pinga tinta, como é que tu vais tirar tinta dos buraquinhos? Mas ele me fez uma lambrequeira na porta do banheiro lá, que eu disse: “eu vou matar ele”. Serviço porco. Eu nunca vi. Mas vai fazer o quê? Daí tu te quebra depois, o que que tu vais fazer? Tu manda funcionário e ele não limpa, tem que ir você. Ele não faz, ele passa por cima, “a tinta está aí”, mas não faz nem força.

Capella - Eu nunca vou esquecer, porque ela veio com sete anos, ela estava na segunda série. Aí como eu cheguei assim, eu não conhecia nada, eu botei ela lá na Vila Macaca na escola. Eu não sei nem como é que é o nome da escola. Daí eu levei ela na escola no primeiro dia. Chegamos lá, ela olhou pra mim, olhou pra frente, virou pra mim: “mãe, quanta gente feia”. Ela ficou um ano naquela escola e era o exemplo da escola, porque ela veio de um colégio de freiras. O caderno dela era impecável. Daí o caderno dela saía da segunda série e ia até a quinta, sexta, sétima e oitava, pra mostrar como é que eles queriam que as crianças fizessem no caderno pra caprichar.

Entrevistadora - Era o modelo.

Capella - Era o modelo.

Nos trechos acima destacados, pode-se notar como a imagem do gaúcho trabalhador vai se constituindo a partir de vários “outros”: o nordestino - tomado como uma grande massa, sem se considerar se eles são sergipanos, cearenses, baianos, etc. – parece ser, na opinião dos entrevistados, o mais desqualificado – “eles eram, coitadinhos, pra lavoura canavieira, que é difícil, e pra serviços menores. Se existia, por exemplo, um trator com uma tecnologia mais avançada, era funcionário do Sul. Agora, pra alimentar, por exemplo, catar raiz, tudo que era mais braçal, eram os nordestinos”. Esse excerto marca bastante a contraposição existente entre o funcionário do Sul, capaz de lidar com uma tecnologia mais avançada, e o nordestino, um “coitadinho”, para quem são destinados os serviços menores, o trabalho mais difícil, braçal.

Dessa figura do outro, mais “descansado”, também fazem parte os sul-matogrossenses e os cuiabanos. Além deles, também são citados os paranaenses – “eles dizem que eles já passaram dois Estados e que já estão cansados” -, os quais, curiosamente, estão inseridos na categoria “sulistas”. A exceção parece ser em relação aos mineiros e aos paulistas, também considerados trabalhadores – “o mineiro e o paulista têm bastante do sulista” -, não por alguma característica a eles atribuída, mas por possuírem características dos sulistas.

Os gaúchos também constroem sua imagem positiva frente aos outros a partir de categorias como a aparência física: eles seriam, conforme fica explícito nas entrevistas, mais arrumados – “a gente vem do sul, a gente é mais arrumada” – e mais bonitos – “mãe, quanta gente feia”. A organização é uma outra característica atribuída aos gaúchos, como no caso do caderno que servia de exemplo para as crianças de várias séries da Escola: “O caderno dela era impecável. Daí o caderno dela saía da segunda série e ia até a quinta, sexta, sétima e oitava, pra mostrar como é que eles queriam que as crianças fizessem no caderno pra caprichar”.

A limpeza (dos gaúchos) X a sujeira (dos outros) também é uma oposição que vai reforçar as características positivas dos gaúchos – “ela olhou a cozinha e tinha umas mesas enormes de madeira maciça e ela lavou a cozinha inteira com soda. Lavou aquelas mesas, porque aquilo diz que era uma gordura, uma sujeira”. No que concerne a essa questão, Lane (1992), em seu estudo a respeito das comunidades surdas norte-americanas, faz um paralelo entre determinadas características que seriam atribuídas aos africanos na literatura colonialista e aquelas atribuídas aos surdos na literatura profissional: há coincidências marcantes, sobretudo em relação a características consideradas socialmente negativas. A sujeira se destaca nos dois grupos. De acordo com o que observa o autor, “as inconsistências das características atribuídas e o seu aspecto negativo devem levar-nos a suspeitar que estamos a lidar, nos dois casos – o da psicologia do nativo e o da psicologia do surdo – não com descrições objetivas mas com estereótipos” (1992, p. 48). Ainda segundo Lane, tais atribuições revelam muito mais coisas a respeito das autoridades coloniais, das entidades ouvintes e dos contextos sociais em que elas funcionam do que dos povos colonizados e das comunidades surdas. Em face disso, pode-se considerar também que todos os estereótipos atribuídos aos outros revelam muitas das características dos gaúchos.

A oposição limpeza X sujeira também pode ser percebida em entrevistas que tratam da questão das empregadas domésticas da região, as quais, além de não agüentarem o serviço, não saberiam desempenhá-lo a contento, não sendo caprichosas como as gaúchas, conforme as narrativas a seguir:

Vega – (ininteligível) falando é a questão das domésticas que trabalham nas casas. Houve uma época até que estava um pouco recriminado, queriam empregada doméstica mas que fosse do sul. Foi uma polêmica até uma época.

Sírius - E não existia essa mão-de-obra também, não existia. Por isso que a gente foi pras cantinas, porque não existia mão-de-obra.

Vega - Até hoje a gente vê essa diferença assim, se é uma pessoa de lá ela vem disposta a trabalhar mesmo. O pessoal daqui já...

Sargas - Então, eles têm outros costumes.

Entrevistadora - Mais tranqüilo?

Capella - Mais tranqüilo, não vai, daí já parece que a gente já não... então, é melhor a gente botar a mão na massa do que...

Vega - Meu tio tem uma funcionária, dispensei ela ontem. Ela é do povo daqui. Ela chegou pra mim falando que ela estava necessitada de trabalhar, que ela nunca tinha trabalhado de doméstica, mas que ela precisava. O marido dela ficou em Tangará sete meses sem emprego, foram pegando empréstimos, foram só se endividando. Vieram pra cá, ele arrumou trabalho na Usina. E aí não é suficiente o que ele ganha porque eles pagam aluguel aqui. E ainda pagar os empréstimos. Eu disse então: “beleza, dona Y. A senhora precisa trabalhar, precisa do seu ganho e eu preciso do seu trabalho. Então, eu acho que vai dar certo”. Só que infelizmente não deu.

Entrevistadora - Não deu?

Sírius - A gente é muito exigente, eu acho.

Vega - Não, porque a gente contribuiu com tudo que ela queria. Ela queria uma máquina de lavar, eu tenho uma grande lá, uma Brastemp, e ela disse que não conseguia trabalhar com aquela máquina e pediu pra comprar uma simplesinha que

ela ia dar conta. Então, eu vou comprar uma máquina porque daí eu não vou me preocupar com roupa. Consegui uma máquina boa, usada, mas bem boazinha. Ela lavou roupa duas vezes, eu acho. Aí eu pensei: o dia que não tem roupa você faz uma limpeza bem feita, passa roupa. Ontem eu cheguei e olhei assim: não, mas eu acho que ela não limpou a casa. Cheguei às 11:00 e ela já não estava mais. Aí fui olhar atrás da geladeira e do fogão...

Capella - Tudo sujo! Essa mão-de-obra nós temos deficiência tremenda.

Vega - Por favor! Aí fui olhar na sala, a estante assim da parede, bichinho que vem da luz, tudo ali, nem varreu. Só varreu onde passou. Meu marido dizia: “tu vais pagar 200 reais pra ela?” Eu falei: “eu combinei 200 reais”. “Tu vais continuar pagando 200 reais?” Aí ele começou a me desafiar, né? Se valia a pena mesmo. Peguei e disse: “não, pode deixar que eu vou ligar pra ela pra ela não vir mais”. E ela me questionou: “mas como? Não agradou o meu serviço?” Eu disse: “infelizmente, dona Y, a senhora deixou muito a desejar”. Porque aqueles 200 reais que eu ia favorecer ela, eu tô deixando de comprar alguma coisa pra mim, pra minha família, porque era a contrapartida, ela ia trabalhar pra mim, e eu ia, né? Ficar mais tranqüila. Mas não aconteceu. Infelizmente.

Entrevistadora - E ela é daqui da região?

Vega - Da região. E ela é uma pessoa que precisa, né? Mas não...

Entrevistadora - Não vem mão-de-obra do sul também pra este tipo de serviço? O pessoal quase não vem, né?

Vega - A gente tinha uma muito boa. Minha mãe até tentou ligar de volta, convencer ela a voltar.

Entrevistadora - Ela voltou pro sul?

Vega - Ela voltou pro sul. E daí com essa crise a minha mãe disse: “provavelmente, quem sabe agora, ela...” Aí ligou oferecendo de novo “vê se tu volta. Nós damos um jeito. “Ah, mas eu não sei”, ela disse, “porque agora nós arrumamos um... Acho que nós vamos ficar por aqui mesmo”. A mãe disse: “mas a hora que você quiser...” Porque era daquelas assim, gaúcha daquelas... Mas uma maravilha! Mas ela não retornou, acho que se acomodou por lá mesmo.

Sírius - Eu mesma estou sem. Eu me viro na semana no comércio, meu marido produz na chácara, vende aqui. Aí nós temos escritório e tal. Minhas crianças de manhã, estudam de tarde, cuidam do escritório e eu que faço. Porque a gente é muito exigente. A gente que veio, né? A gente não se contenta com coisa assim. Eu prefiro ir daqui até ali e fazer bem feito, do que ser aquele por cima.

Vega - Do que ficar olhando alguém, pagar alguém, ainda pra não fazer.

Capella - Exatamente.

Sírius - E outra, o pessoal não agüenta o serviço que nem a gente, né? Parece. E é bom, porque daí as crianças se acostumam do jeito da gente, a pegar valendo, né?

Capella - É verdade.

Vega - Eu trabalho o dia todo e chego e faço. Eu tive um problema de coluna, então eu tenho que evitar certos movimentos, certos esforços. Mas... é difícil aqui.

Capella - Tem que pegar no tranco, né?

Sírius - Essa questão assim, dessa mão-de-obra, ainda é... A Ação Social estava propondo ali cursos pra empregada doméstica. Quem sabe daqui a alguns meses a gente...

Capella - Precisa mesmo formar.

Entrevistadora - Ensinar, né?

Aliada à questão da limpeza vem a do grau de exigência em relação ao trabalho: os outros não seriam tão exigentes, por isso não seriam capazes de desenvolver as atividades de uma maneira satisfatória para os gaúchos. O grau de exigência dos gaúchos é, segundo os entrevistados, muito mais alto – “A gente é muito exigente, eu acho”/“Porque a gente é muito exigente”.

Cabe sublinhar também o fato de que, ao mesmo tempo em que os gaúchos ressaltam sua superioridade e suas qualidades em relação ao trabalho, marcando os defeitos dos outros, parece haver um certo deslizamento dessa noção de trabalhador quando analisamos uma

espécie de queixa e de reclamação que também emergem das entrevistas: uma vez que os trabalhadores de outras regiões não dão conta daquilo que lhes é solicitado, o gaúcho tem de realizar o trabalho sozinho, ficando assim sobrecarregado – “então é melhor a gente botar a mão na massa”/“Eu trabalho o dia todo e chego e faço”/“Eu me viro na semana no comércio, meu marido produz na chácara, vende aqui. Aí nós temos escritório e tal. Minhas crianças de manhã, estudam de tarde, cuidam do escritório e eu que faço. A gente não se contenta com coisa assim. Eu prefiro ir daqui até ali e fazer bem feito, do que ser aquele por cima”.

Apesar de os gaúchos também serem migrantes e de terem ido para o Mato Grosso buscar trabalho e melhores oportunidades, eles se narram como diferentes, marcando uma posição de superioridade. Além disso, os outros são apresentados como uma massa homogênea. Tal fato também foi observado pelos pesquisadores Barker e Galasinski em relação aos poloneses e aos ucranianos. De acordo com os autores, “não há indivíduos ucranianos que odeiam os poloneses, mas uma entidade em massa. É, de fato, como a história de conflitos étnicos nos conta repetidas vezes: é fácil abusar de um objeto inanimado ou de uma massa indiferenciada, do que de uma pessoa individual” (2001, p. 130). Moita Lopes (2002), ao estudar a narrativa como um processo de construção da identidade social de raça, afirma que o narrador geralmente se posiciona, mesmo de forma implícita, apresentando uma visão positiva de si mesmo, conforme fica claro nas narrativas de Capella, Polaris, Sírius, Vega e Sargas.

A partir das análises empreendidas, cabe ressaltar o modo como uma certa identidade gaúcha é construída nas narrativas apresentadas, relacionando-se sempre com narrativas sobre o outro, sobre o diferente. Nesse sentido, Moita Lopes (2002, p. 64) observa que “ao historiar a vida social para o outro, estamos construindo nossas identidades sociais ao nos posicionarmos diante de nossos interlocutores e diante dos personagens que povoam as nossas narrativas”. Por fim, chama-se a atenção aqui, mais uma vez, para a natureza constitutiva do discurso, uma vez que, ao narrarem fatos e histórias sobre os diferentes grupos regionais, os entrevistados vão construindo não só a sua identidade, mas também a identidade dos gaúchos e a dos outros grupos posicionados no discurso.

## Referências

- ADAM, J. M.; REVAZ, F. *A análise da narrativa*. Lisboa : Gradiva, 1997.
- ARFUCH, L. Problemáticas de la identidad. In: \_\_\_\_ (org.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002a.
- \_\_\_\_. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002b.
- BARKER, C.; GALASINSKI, D. The language of ethnicity – the unbearable lightness of being polish. In: \_\_\_\_\_. *Cultural Studies and Discourse Analysis*. London: Sage Publications, 2001.
- CONNELLY, M.; CLANDINI, J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. *Déjame que te cuente. Ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes, 1995.
- CULLER, J. *Teoria Literária*. São Paulo: Beca, 1999.
- LANE, H. *A máscara da benevolência. A comunidade surda amordaçada*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget/Sociedade Astória, 1992.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- \_\_\_\_\_. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: TELLES RIBEIRO, B.; COSTA LIMA, C.; LOPES



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

DANTAS, M. T. (orgs.). *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001.

MOREIRA, A. F. Currículo e Estudos Culturais: tensões e desafios em torno das identidades. In: SILVEIRA, R. M. H. (org.). *Cultura, Poder e Educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora Ulbra, 2005.

REUTER, Y. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SILVEIRA, R. M. H. Discurso, Escola e Cultura. Breve roteiro para pensar narrativas que circundam e constituem a Educação. In: \_\_\_\_\_. (org.). *Cultura, Poder e Educação. Um debate sobre Estudos Culturais em Educação*. Canoas: Editora Ulbra, 2005.